

A obra matemática do Prof. Rui Luís Gomes

A obra matemática do moço e já ilustre professor Rui Luís Gomes é muito especializada e não pode interessar o grande público.

Ela consta de trabalhos notáveis sobre o «operador H» de Broglie, em que o autor apresenta uma dedução inteiramente geral da relação que liga entre si a energia e a quantidade de movimento de uma onda plana (Rendiconti della R. Acad. Nas. dei Scienze, Vol. XXI, 1935), de estudos sobre a equação fundamental da Nova concepção da luz do Prof. Luís de Broglie (Rend. della R. Acad. Nas. dei Scienze, Vol. XXI, 1935), particularmente notáveis, de estudos sobre a célebre fórmula de Lorentz, em que o autor mostra a possibilidade de evitar hipóteses suplementares que andam habitualmente conexas, no que diz respeito às fórmulas de Lorentz com as hipóteses relativistas. Neste trabalho, o autor, partindo da única condição que consiste em bem traduzir o facto que os sistemas de referência são animados, um em relação ao outro, de um movimento uniforme, consegue deduzir elegantemente as fórmulas de Lorentz, sem recorrer a qualquer hipótese parasita.

Actualmente o autor ocupa-se em reunir, refundindo-as, por conselho do célebre físico De Broglie, algumas das suas notas esparsas, notas que o Prof. De Broglie considera como particu-

larmente interessantes, e que serão publicadas no *Journal de Physique*.

Como dissemos, tais trabalhos pertencem a um campo em extremo técnico, e não podemos dizer aqui senão que eles se relacionam com alguns dos problemas mais delicados da moderna física-matemática e suas teorias.

Se os trabalhos técnicos de matemática não podem entrar no domínio público pela sua especialização, o mesmo não sucede com a personalidade do moço matemático, porque Rui Luís Gomes é a mais alta mentalidade da sua geração e uma das raras cerebrações do nosso país que não tem o tipo mental português e coimbrão, um dos raros espíritos que podemos classificar de «europeu». De uma lucidez filosófica rara, penetrante, Rui Gomes segue com particular entusiasmo o grande movimento filosófico revolucionário que se está operando nos tempos actuais, e que em Portugal ainda não foi compreendido em toda a sua vastidão e profundidade. Admirador e propagandista da grande obra do Círculo de Viena—já hoje considerada como histórica—fez dela a substância com que nutriu as suas notáveis conferências ultimamente realizadas, em Lisboa, sobre Relatividade e Causalidade, bem como da sua conferência realizada a quando do Centenário da Universidade do Porto, conferência

que se destacou no meio da miséria retórica e da pândega dançante desse Centenário, como Rui Gomes se destaca paradoxalmente no meio da miséria geral do seu professorado.

Amigo de Levi-Civita, o célebre matemático italiano, de Luís de Broglie, o grande físico francês, Rui Gomes, pelo seu carácter, e pela sua mentalidade «europeia», é uma das esperanças da nossa gente moça, tam inquietada e desamparada.

Com o matemático António Monteiro, o físico Manuel Valadares e alguns outros, Rui Gomes forma a aurora que desponta, entre nós, com um espírito intelectual europeu—desse europeísmo que Eça, e outros, noutro campo, tentaram introduzir, entre nós, sem o ter conseguido...

Arquivos das Clínicas Cirúrgicas - Universidade de Coimbra, Faculdade de Medicina—publicados por Angelo da Fonseca e Bissaia Barreto, tomo V.

Um volume colossal, que é um colossal paradoxo, e o símbolo colossal da mentalidade coimbrã:—pois que este volume enorme, por muito extraordinário que o caso parece, não tem nada dentro, absolutamente nada, como o leitor pode, se quiser, verificar.

De resto, é preferível pois que o conteúdo dos tomos anteriores não vale mais do que o vácuo absoluto do tomo em questão...

Decididamente, as tricanas de Coimbra são encantadoras...

A. S.

ISOLAMENTO

por Marina Rica

Quebra a vaga e pergunta à penedia:

— Que fazes tu, negra coruja inerte?

Responde ela:— Comigo se diverte

(Que eu só a amo) a tua espuma fria!

Sopra o vento gritando à serraia:

— Pasmada eterna, que nervoso ao vêr-te!

Torna ela calma:— Sou eu só quem verte

No vále a água que refresca e cria!

A nuvem passa e increpa assim a lua:

— Qual é o teu cargo, ó pobre mascarada?

— Vestir de amor a estéril plaga nua!

O tempo voa e uiva à desgarrada:

— Que escutas tu à brisa que flutua?

Que dizes tu à imensidade?— Nada!

Beethoven e Debussy

(Continuação da página 5)

entoar louvores à serenidade profunda de Bach, Mozart e sobretudo aos mestres franceses do século XVIII. Quere uma música simples, liberta dos exercicios de amplificação da oratória wagneriana. Pretende a música do seu «Pleas et Mellisande», porém, a sua arte, ainda que de únicas pretensões impressionistas, exprime-nos inquietações estranhas a que a influência dum Beethoven não deverá ser totalmente alheia. E esse «Clair de Lune», interpretado por Eurico Thomaz de Lima, na pungente serenidade das uas horas mortas tem um certo sabôr ao adágio da sonata de Beethoven.

E se os tivesse de classificar, Beethoven e Debussy são para mim dois grandes poetas de sonhos; fontes por onde jorrou a síntese do sentimento estético de duas épocas.